

Rody Cáceres

A BARATA
PACIFISTA



Rody Cáceres



ILUSTRAÇÕES POR

Rogen Ramos

Copyright © by Rody Cáceres
Fica proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e/ou da Editora Fugitivo Literário.

Preparação & Edição Leonardo de Andrade

Revisão Ketlen Aires

Imagem de capa Roger Ramos

Ilustrações Roger Ramos

A BARATA PACIFISTA

Cáceres, Rody

AMOSTRA – Rio Grande do Sul

Dezembro de 2018.

EDITORA FUGITIVO LITERÁRIO

Rua Marcos Costa, 256 – Fragata

Pelotas – Rio Grande do Sul

96040-750

www.fugitivoliterario.com.br

facebook.com/editorafugitivoliterario

instagram.com/fugitivoliterario

*Para Vitor, Verônica e Ravena.
Agradecimentos especiais a Pedro Porciuncula.*

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

De que você tem medo?

O que faz os pelos de seu braço se arrepiarem?

Uma das respostas mais comuns é: baratas. Em uma lista de horrores modernos, ela aparece ao lado do avião, da altura, da morte, do sangue e, pasmem, do escuro.

Não é uma injustiça com a pobre cascudinha?

Acredito que você também tem medo de ficar sozinho em casa. Eu tenho. Desde pequenininho.

Mas, sabe, depois que ouvi esta história, passei a esperar com ansiedade por um momento sozinho em casa.

Quando todo mundo sai, eu começo a chamá-las. Chamo o Roger, chamo o Pétrus... Mas ninguém me escuta. Ninguém vem me ver. Eu sempre fico sozinho quando estou sozinho. Mas não desisto.

E não me assusto.

Sei que em algum cantinho, em algum cano, em alguma fresta, uma cascudinha me escuta, me olha, me vê. Elas têm medo de mim, claro. Talvez nunca tenha ouvido falar sobre a lenda de Roger, ou de alguma de suas aventuras.

Tá curioso? Quer conhecer a história de Roger e de toda a turma? Posso contar, sem problemas, sem pressa. Se a resposta for

um medroso “não”, uma barata visitará você à noite. E gritará em seus ouvidos.

De qualquer maneira, já agradeço por sua livre e espontânea disposição em me ler. Adianto que nossa aventura é sobre a coragem de enfrentar o desconhecido para, enfim, encontrar um meio de bem viver com todos.

Leia em voz alta ou peça para quem está lendo usar um volume de voz mais alto. Deve haver alguma cascudinha por perto, e acredito que ela também vai se interessar pelo que vamos contar agora...

CAPÍTULO 2

PRIMEIROS PASSOS

Roger nasceu de um ovinho, casco bem clarinho, farfalhando as patinhas em velocidade impressionante. Rolou para o lado em direção a uma poça de água de esgoto. Já se afogava, quando uma pata idosa o salvou.

- Olá, pequena cascuda. Meu nome é Hamurabi, eu vou ser seu professor durante sua juventude.

- **Olá, senhor. Eu sou... bem, eu não sei quem sou.**

Hamurabi olhou para os lados, viu que nenhuma barata havia reclamado a paternidade daquele ovo e o batizou.

- Você se chamará Roger Roach, para soar bem e você não achar que é uma formiga.

- Muito obrigado. Fico contente em não ser uma formiga.

Hamurabi riu

- Filhote, você será o que quiser. As baratas são livres. Cada uma sabe de si.

- Uau, o senhor sabe muitas coisas – Roger conversava, mas seus olhos admiravam a arquitetura da Toca.

- Você também pode saber muitas coisas. Vamos dar um passeio pela Toca. Um passeio didático. Enquanto caminhamos, você aprende o que tem que aprender, e estará pronto para a vida.

- Tão rápido assim?

- Não será rápido e muito menos devagar. Será o tempo suficiente. Todo tempo bem aproveitado é suficiente.

- O senhor diz coisas bonitas, vovô Hamurabi – Roger deu um abraço apertado na velha barata.

- Obrigado, pequeno – Hamurabi retribuiu o abraço. - Digo coisas que devemos dizer depois de uma certa idade. A missão dos velhos é ensinar os jovens com sabedoria simples. É isso que faço.

De mãos dadas, caminharam pela Toca. Roger viu os canos de entrada e saída, todos com duas baratonas enormes montando guarda. Viu a fenda do alto, a tampa do céu, o riacho que corta a Toca e a admirável arquitetura de lama construída pela comunidade. Que belo lugar para nascer, pensou. Era uma baratinha feliz



CAPÍTULO 3

A PRIMEIRA E ÚNICA AULA

Sentados em um banquinho de musgo, Hamurabi colocou uma pata sobre as asas de Roger e brincou com suas antenas.

- Bem, pequeno, está na hora de você aprender a norma. Afinal, somos baratas educadas.

- O que aconteceu com a liberdade? Liberdade não é isso.

- Boa pergunta, pequeno Roger. Mas liberdade requer responsabilidade. E a norma é para isso: aprender responsabilidade.

- Tudo bem, professor. Perdoe-me pela pergunta – consternou-se.

- Não peça desculpas, pequeno. Pode perguntar à vontade – Hamurabi apertou mais o abraço, catou um palito de fósforo musguento e, com ele, começou a desenhar na lama.

- Tudo começou assim – o desenho acompanhava a explicação. - No início dos tempos, as baratas eram ainda mais livres. Mas um pequeno grupo de baratas alegou conseguir conversar com os gigantes, um de nossos inimigos naturais...

- E conseguiram? - Roger ficou empolgado com a ideia.

- Ninguém sabe. No final, uma guerra entre as baratas pacifistas e o resto da toca resultou em muitas perdas. Assim, da necessidade de não haver mais guerras entre baratas, surgiu a norma. Hamurabi tomava o fôlego perdido por ter falado tanto.

- O senhor está cansado? Parece cansado.

- Estou ficando velho, pequeno. Não se preocupe – Hamurabi deu mais uma paradinha e continuou: - A norma é simples. Ouça: toda barata é livre em suas escolhas. Aquele que tentar impedir o exercício da liberdade, será condenado a cuidar do cano das lagartixas, até o fim de sua existência; aquele que tiver a vida de uma barata em suas patas, será desassociado, sem poder retornar, e enviado ao mundo de cima, pela fenda – Hamurabi apontou para o alto, mostrando a fenda na tampa do esgoto. -

Em caso de crime e julgamento, toda barata terá direito a um discurso de defesa. O voto popular decidirá o destino desta barata. E acabou. Não é simples? - alegrou-se Hamurabi.

- Sim, é simples. Mas e o resto? E se eu quiser aprender mais?

- Bem, pequeno – Hamurabi se levantou do banquinho -, se queres aprender mais, olhe em volta. Tudo está escrito na vida. E olhe lá – apontou para frente. - Veja quem vem.

Uma barata grandalhona se aproximava, de peito estufado e antenas compridas, abanando para Hamurabi desde que apareceu.

- Pequeno Roger, este é Pétrus, nosso general – disse Hamurabi. - Ele vai ensinar você a conseguir comida.

A baratona militar deu uma boa analisada na baratinha recém-nascida. Lançou um olhar de desconfiança, coçou o queixo, cruzou os braços, pigarreou.

- Como você é pequeno, jovem. Isso pode ser até vantajoso – Pétrus riu alto.

- Pode passar em pequenas aberturas e se esconder com facilidade – acrescentou Hamurabi.

- Mas para onde vamos, eu vou precisar me esconder? - Roger engoliu a seco.

- Sim, e muito – Pétrus pegou Roger pelas antenas. - Venha, vamos fazer uma viagem a toca dos gigantes, onde toda comida do mundo está quase a nossa disposição. Prepare-se para sua primeira aventura.

Pedindo licença para os guardas, Pétrus e Roger entraram no cano da toca dos gigantes, subiram a primeira curva e desapareceram na escuridão.

CAPÍTULO 4

NA TOCA DOS GIGANTES

Patinha por patinha, Pétrus e Roger desembocaram embaixo de uma pia de cozinha. Saiu primeiro Pétrus, atento a possíveis ameaças, depois Roger, quando tudo estava averiguado.

- É hora do banquete – Pétrus esfregou a pança cascuda, alegre.

Pelos cantinhos escuros da casa, a dupla esgueirou-se em busca dos açúcares e gorduras e mofos que tanto lhes apraziam. Chegaram até um armário velho e logo encontraram o buraquinho feito por baratas ancestrais, que serviu de entrada para várias gerações.

- Veja – Pétrus apontou para as dezenas de pacotes e latas -, aqui é nosso santuário.

- Pelo aroma, parece incrível – disse Roger

- É preciso roer as proteções – Pétrus deu algumas bocadas em um pacote e o abriu, deixando escorrer farinha de mandioca. - Algumas são mais duras, outras mais fáceis.

Faminto, Roger pulou sobre a farinha de boca aberta e quase sufocou.

- Calma, calma! - Pétrus tirou o amigo da comilança. - Não vicie seu paladar nessa coisa. Tenho algo especial para você.

Mais à frente, um plástico previamente roído exibia rosquinhas glaceadas já carcomidas, uma iguaria para o paladar cascudo.

- Prove isto – Pétrus arrancou uma lasca e entregou a Roger, que abocanhou o maior pedaço que pôde.

- Ifo é muito fom - cuspi farelo pra todos os lados. - Fófo fegá fais?

- Sirva-se à vontade. Tem o suficiente para todos.

Com voracidade, Roger devorou meia rosquinha, e já tinha meio corpo para dentro do pacote.

- Também comerei um pouco. Não dá para ficar só olhando – disse Pétrus, enquanto cavoucava uma farinha láctea.

Mordiscavam, abocanhavam e babavam como se não houvesse amanhã. Em poucos segundos, desapareceram em seus pacotes. Distraíram-se tanto na comilança que não viram uma das portas do armário se abrindo, devagarinho, e alguns pacotes sendo ladeados para revelar a face dos intrusos.

Uma luz inoportuna invadiu o pacote de Roger, cegando-o

- Ei, Pétrus. Tem algo estranho acontecendo.

- Fique tranquilo, garoto. Apenas aproveite o banquete – Pétrus tinha as bochechas cheias de farinha láctea umedecida.

- Mas e essa luz?

- Que luz, garoto?

Quando os amigos cascudos se desenterraram das maravilhas de açúcar e carboidrato, deram de cara com um gigante de olhos injetados, mirando uma lata de veneno, pronta para disparar.

- Corre! - berrou Pétrus, empurrando o amigo tonto para a saída.

O gigante ficou irado por ter perdido as baratas de vista. Tirou tudo o que tinha no armário e deu de cara com o pequeno buraquinho, por onde suas inimigas entravam e saíam livremente. Na fuga, Roger e Pétrus viram outro gigante, um gigantinho, posicionado entre a saída embaixo da pia e eles.

- Acho que ele nos viu – sussurrou Pétrus.

- E está vindo para cá – gritou Roger.

Tontas como se estivessem envenenadas, as baratinhas domésticas correram em ziguezague, desacorçoadas, se batendo uma na outra. Um corredor que levava a uma velha porta foi a salvação do dia. Apertando seus corpinhos na fresta de baixo, conseguiram entrar em um velho closet, sujo e fedorento, como gostavam. Do lado de fora, dois gigantes com uma lata de veneno procuravam por eles, determinados a exterminar a praga cascuda.

Nada mal para uma barata que saiu do ovo a poucas horas: comilança, correria e um lugar escuro para ficar.

CAPÍTULO 5

UM PLANO SIMPLES

Com as cabecinhas enfiadas na fresta, Pétrus e Roger observavam atentamente o balanço da lata de veneno.

- Amigo Roger, precisamos correr até o cano – Pétrus sussurrava. - E nossa corrida deverá ser a mais rápida de todas.

- Mas Pétrus, não podemos ficar aqui até que os gigantes desistam? Já estamos alimentados, só precisamos nos esconder – ponderou Roger.

- Ficar aqui? - Pétrus riu. - Impossível! Olhe bem para aquele canto.

Pétrus apontou para uma ratoeira armada, com um queijo no gatilho.

- Mais comida! - comemorou Roger, faminto.

- Não ouse aproximar-se dessa armadilha, garoto – Pétrus segurou o pequeno. - Isto serve para eliminar ratos. É sinal de ratos pelas redondezas. E ratos não gostam de baratas, dizem as lendas.

Os gigantes faziam sombra na fresta quando passavam. Depois de um tempo, as sombras diminuíram e não se viu movimento.

- Acho que chegou a hora, pequeno. Vou contar até três e você me segue. A partir de agora, não coma, não beba e não fale com estranhos. Não pare por nada.

Roger sinalizou positivamente com a cabeça.

- Não estou convencido – disse Pétrus. - Mas não temos escolha. É hora. Um, dois, três e já.

Dois relâmpagos passaram, bem encostadinhos na parede, em altíssima velocidade, rumo aos mistérios da toca dos gigantes. Esconderam-se embaixo de um armário, subiram em um criado-mudo e se camuflaram no pó acumulado. Passaram livremente pelas costas do sofá, onde duas companheiras de toca, que há tempos estavam desaparecidas, jaziam com as patas para cima, cobertas por grossa camada de poeira.

- Não olhe, pequeno. Apenas siga meus passos. Agora, vire à esquerda. A partir dali é direto para a saída.

Sem tempo para breçar, Roger deu de cara com um paredão cinzento e peludinho. Não sabia o que era e já ia estendendo a pata para tocar quando Pétrus o segurou.

- É ele – disse ainda sussurrando. - O rato está aqui. E está comendo.

- E agora? - Roger entrou em pânico. - Se voltarmos...

- Não. Vamos pela parede, patinha por patinha, sem ele nos ver. Só não suba muito. Aranhas fazem suas teias nas alturas e podemos ser pegos.

E subiram. Apenas o suficiente para dois ou três ratos de altura, quase chegando ao cano.

Mas a curiosidade de Roger era difícil de controlar.

Esticando uma patinha, tocou o pelo eriçado do rato, de leve. Queria sentir a textura daquela novidade desde que deu de cara com o bichano.

- Não faça isso – quase gritou Pétrus, apavorado com a atitude do pequeno.

O rato sentiu o toque e guinchou em fúria.

- Corre mais rápido – gritou Pétrus.

Roger para cima, Pétrus para frente, em uma modalidade que se tornaria comum em suas vidas: a correria.

O rato saiu no encalço de Pétrus, que disparou para o meio da sala, às cegas, o mais rápido que conseguiu. Dando tudo de suas patinhas, Pétrus abriu alguma distância de seu perseguidor. Mas um paredão negro se colocou a sua frente, e ele deu de cabeça com tudo. Uma sombra colossal banhou a sala e não havia lugar para onde olhasse que ela não estivesse. Temeu olhar para cima. E não o fez.

Sabe-se lá o que viria.

CAPÍTULO 5 ½

A SOMBRA DO COLOSSO

Pétrus sentiu um vento de cima. Deu somente para ver a vassoura desaparecendo o peludinho. Pétrus olhou para o alto e o paredão revelou-se um gigante, o maior deles, que trocava a vassoura pela lata de veneno.

- É meu fim – encolheu-se.

A mira estava perfeita, o gigante não erraria daquela distância. Mas a salvação viria do alto...

- Pela Toca das barataaaaas! - de asas abertas e cara de invocado, Roger desceu como uma abelha, caindo sobre as costas da mão que empunhava o veneno.

- Que nojo! - aterrorizado, o gigante sacudiu a mão e arremessou Roger sobre a mesa de jantar.

Um cheiro forte de açúcar hipnotizou a cascudinha. À sua frente, um bolo de chocolate descansava, inteirinho, com a cobertura ainda quentinha.



- Eu preciso provar isso – Roger estava atordoado pelo aroma e avançou.

Na hora da bocada, o gigante cobriu o doce com uma redoma de vidro e tascou uma chinelada, errando feio. Ainda bem. Roger correu por toda a extensão da mesa e voou em direção ao cano, onde Pétrus já o esperava, com meio corpo para dentro.

- Pequeno, você conseguiu? Isso foi inesperado – surpreendeu-se Pétrus. - Agora vamos. Já chega de aventuras por hoje – e adentraram no cano.

Precavido, Roger ainda deu uma olhadela para a zona de guerra, a fim de confirmar se o rato não os seguia. Dois grandes olhos o observavam: era o gigante pequeno, deitado em busca das invasoras.

- Arrá! Peguei você? - comemorou o gigantinho.

- Pegou, não! - contrariou Roger.

- Hã? - o gigante levou um susto.

Os dois ficaram se olhando por alguns segundos, sem entender o ocorrido, até Roger mergulhar no cano.

- Com quem você estava falando? - Pétrus perguntou

- Ah, com ninguém – desconversou Roger. - Era só um desaforo para o gigante.

Como poderia um gigante entender a língua das baratas, se perguntou em pensamento. Poderia ser um musgo de sua imaginação, melhor nem comentar na Toca, concluiu.

Gigantes não entendem baratas.

Era impossível.



CAPÍTULO 6

BEM EMBaixo DO NOSSO NARIZ

Felizes pela fuga bem-sucedida, Roger e Pétrus chegaram em casa com largos sorrisos. O local fervia de cascudinhas.

- E voilà! Aqui estamos outra vez, nosso lar, nossos amigos, nossa vida. Sente-se contente, pequeno Roger? - Pétrus deu dois tapinhas no casco do amigo.

- Essa foi por bem pouquinho. Para uma primeira aventura, acho que não me saí mal.

- Você é um herói, amigo Roger. Se não fosse por você, eu estaria no céu das baratas. Devo-lhe minha vida – Pérus estendeu a mão para Roger.

- Vi algo doce e gigante lá, Pétrus – sentiu o aperto forte de Pétrus quase esmagar sua patinha. - Algo que pode alimentar umas duas dezenas de baratas.

- Mas isto é uma descoberta e tanto – comemorou Pétrus.

- Sim. Acho que devemos voltar lá para ver melhor. Tipo, uma nova aventura – Roger se empolgou.

- Com certeza, soldado. Vamos voltar o mais rápido possível. Eu prometo - bateu continência para dar crédito à palavra. - Olá, soldado Hércules. Bom dia, soldado Themístocles. Como vai, capitão Leônidas? – Pétrus cumprimentava as baratas com uma continência.

- Amigo Pétrus, porque você está cumprimentando desse jeito? E porque você me chamou de soldado?

- Você não sabe? - Pétrus colocou as mãos na cintura (se baratas têm cintura...).

- Bem, eu nasci há pouco. Ainda sei bem pouco sobretudo.

- Estou montando um exército de baratas corajosas. Vamos coordenar um ataque feroz à toca dos gigantes – Pétrus estufou o peito para falar de seus planos.

- Um ataque?

- Sim, um ataque feroz. Vamos pestear a toca dos gigantes. Vamos caminhar por toda sua comida com essas patinhas pestilentas – levantou uma das patas traseiras. - Os gigantes ficarão amarelos, depois verdes e, por fim, cairão mortos, como as baratas que eles envenenam. Não lhe parece justo?

Roger não conseguia disfarçar sua perplexidade.

- Mas amigo Pétrus, vocês já tentaram conversar com os gigantes?

- Você pode me chamar de general Pétrus. Os gigantes declararam guerras às baratas desde o início dos tempos. É hora de revidarmos. E você – apontou para Roger – está convocado para a guerra. Seja forte.

- Bem, eu acho que não sou de guerras – Roger estava tímido. - Acho que tudo pode ser resolvido com uma conversa.

- E quem disse que os gigantes vão entender o que falamos?

- Bem, ontem eu...

- Nada disso, jovem soldado – pegou Roger pelos ombros (se baratas têm ombros). - Mais tarde vou levar você até o grande

doce. Aquele que você encontrou. Vamos fazer um reconhecimento do local. E depois levaremos outras baratas para a festa. Apenas esteja pronto – deus as costas para Roger e seguiu seu passo.

- Mas Pétrus...

- **É General. E sem “mas”. Você vai me levar até a comida açucarada. Virei buscá-lo assim que estiver escuro. Des-can-sar!**

Roger sentia-se desconfortável. Não sentia vontade de matar gigantes por isso. Não sentia vontade de matar qualquer forma de vida. Talvez eu consiga convencer Pétrus, bem, o general, a tentar um diálogo, pensou.

- Olá, jovem – um grupo de baratas passeadoras fez continência para Roger.

- Acho que preciso fazer algo, e rápido.

AMOSTRA GRÁTIS

A amostra não representa a totalidade do livro e pode sofrer alterações.

Compartilhe a leitura democrática!